

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

O SUSTO DE LEVAR OS POBRES A SÉRIO

NOME DE DEUS, MERCADORIA BARATA — Em nossos países latino-americanos, o nome de Deus é a mercadoria mais oferecida e mais vendida. Acha agressiva a afirmação? Pois ligue o radinho de manhã cedo! Agradece o botão da tv domingo de manhã! Observe as camelotagens, bíblia nas mãos, diário em nossas praças e ruas! Descubra a multiplicação das casas de bênçãos e milagres, explorando o povão desesperado! Olhe ainda mais, em nossas próprias comunidades católicas, o Santo Nome não é usado em vão, com a finalidade de impedir que nosso povo crista livre!

PALAVREADO SOBRE DEUS — Não se

pode escrever sobre Deus sem uma certa va-

gadice. Porque se teme — justificadamente

— manusear o mistério, deformando ou até

pervertendo a Boa-Nova. As mais das vezes,

o palavreado sobre Deus provoca náuseas,

desonra injustiças, sacrifica políticas huma-

nas e ideologiza sombrias realidades terrenas.

Apaga o fogo, tira o fio da espada, vulga-

ma o amor. Não concorda? Pois abra os

olhos e descubra como, em nível eclesiástico

oficial, o profetismo vem sendo desautoriza-

do em benefício do profissionalismo religioso.

VOZ DOS SEM VEZ, MAIS UMA DO-

MINAÇÃO? — A dificuldade torna-se mais

audita, quando se tenta falar expressamente

do Deus dos pobres, justamente porque se

trata do Deus dos oprimidos, maltratados,

desprezados e explorados. Com que direito

alguém se arvora em ser "a voz dos que não

têm voz", talvez até desfigurando, com pa-

lavras polidas, aquilo que eles, os oprimi-

didos, já podem expressar com seus gritos,

gemidos e cantos? "A voz dos sem voz"

não seria, mais uma vez, a elite esclarecida

substituindo os obscurecidos, tomando-lhes a

vez de falar?

QUEM SOU EU PARA TRAZER DEUS?

— Teologizando com muita rapidez, não en-

contraremos, no mundo dos pobres, o eco da

ideologia dominante, introjetada neles pelos

poderosos, para que se mantenham passivos

e resignados? Indo reverentemente aos po-

bres para ouvir o sopro de Deus, não estare-

mos misticando uma realidade muito mais dura e brutal, impedindo que ela nos chegue em seu clamor elementar? Não estaremos tra-

zendo de fora um Deus acadêmico e poético, sem descobrir que Ele já estava lá, mais vivo, mais bíblico e mais próximo?

O DEUS DOS POBRES SERÁ O NOSSO?

— Mas deve-se ter o atrevimento — pelo

menos de vez em quando — de balbuciar a

única coisa que importa, em última análise: o Deus vivo na fé, na vida e na morte

dos pobres, que são o Corpo de Seu Filho.

Não sem antes repetir a sabia pergunta de

dom Pedro Casaldáliga: "O Deus vivo destes

pobres será também o nosso, Teófilo?"

O SUSTO DE LEVAR OS POBRES A SÉRIO — Apesar de tudo, temos duas razões sérias para falar. A primeira é a

alegria e a responsabilidade da Boa-Nova:

Deus novamente amanhece surpreendente, es-

perançoso e redivivo, nas lutas e na fé dos

oprimidos. Quando o Evangelho se aproxima

dos condenados deste mundo, o Deus da

Bíblia torna-se vivo e próximo. Esta é a

primeira e mais importante razão. A segun-

da e mais humana, mas também séria: mui-

tos por aí estão assustados com o fato de

que levamos os pobres a sério, temendo que

já não levemos Deus tão a sério, que

nos tornemos terrenalistas, horizontalistas, in-

crédulos.

LEVAR DEUS A SÉRIO É LEVAR OS

POBRES A SÉRIO — Quando alguém não

tem o feitio do profeta e também já se

assustou deste modo, não tem força para

imprecar e maldizer esses temores. Mas, se

lhe forem dadas a experiência e a certeza

para tanto, deve-se atrever a dizer: "Não

temam, irmãos! O único modo de levar

Deus a sério é levando os pobres a sério.

Vocês devem temer muito mais que, sem

os pobres, Deus se converta em ídolo para

vocês. É preferível o ateísmo dos militantes

à idolatria dos satisfeitos. De qualquer

forma, a Boa-Nova só é possível em meio

aos sofrimentos, lutas e esperanças dos

pobres. (FLT)

IMAGEM DE NÃO-CIDADANIA

1. Como vive nosso Povo? Como vive o Povo brasileiro que carrega o peso esmagador da grande Pátria? Sai da Zona Sul, meu irmão, sai depressa dessa ilusão parisiense que se repete nas cidades brasileiras, sai depressa e vai aos sertões do Brasil Grande. E verás, hoje ainda, apesar do asfalto que carrega gente forte, os mesmos jecas-tatu de cinqüenta anos atrás, magros, desnutridos, franzinos portadores de fome e doenças, enxada às costas, pés descalços no chão, na romaria penosa de casa para o eito.

2. Vai também aos subúrbios da grande metrópole e verás, misturando-se gerações de vários séculos e níveis diversos de civilização. Verás imensa multidão de irmãs e irmãos que não dispõem do mínimo necessário para viverem vida digna da cidadania. Por que tal descompasso entre poucos que têm tudo e tudo podem e a grã miséria dos muitos que vegetam à margem da existência? São zedasilva e zefamariadaconceição, cidadãos marginalizados, sem voz nem vez, escravos hoje como escravos foram séculos atrás.

3. Passam os anos, passam os séculos. E nada muda na vida deste Povo que, através das gerações, é condenado a viver na miséria. Condenado apenas a comer as migalhas que caem das mesas opulentas. Na era do computador e da eletrônica há brasileiros que vivem na miséria e morrem de fome. Por que, meu irmão poderoso? Para alimentar e carregar o teu poder. Para construir o teu palácio. Para dar-te segurança. Para dar-te lucro. E que recebem de volta? a miséria de um salário mísero que é muito pra não morrer sendo pouco pra sobreviver? Quando virá a redenção? (A. H.)

LINHAS PASTORAIS

CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA NO BRASIL

humildes, os pequenos. É isto precisamente o que sucede no Brasil.

- Aplicando a mensagem de Jesus Cristo ou, se quisermos abstrair da mensagem cristã: se aplicarmos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada com a assinatura do representante brasileiro em dezembro de 1948, ao nosso Povo, ficamos abismados.
- Ficamos ou deveríamos ficar abismados primeiramente com a situação de largas camadas do nosso Povo, mais ou menos uns 75 a 80% de nossa população, que não gozam de quase nenhum direito daqueles direitos humanos estabelecidos na Declaração Universal.
- Direito a uma vida digna? direito à educação? direito à liberdade? direito à saúde? direito a um salário digno? direito ao lazer? direito à participação democrática na vida do Brasil? direito a constituir família? Po-

demos passar os artigos da Declaração Universal, um por um, todos, todos sem exceção se vêem expostos a uma violação contínua que já se tornou crônica.

- E aqui ficamos ou deveríamos ficar mais abismados ainda: como é possível que as elites responsáveis pela marcha histórica do Brasil sejam tão insensíveis a esta problemática vergonhosa que afronta a dignidade do Brasil já que afronta a dignidade do Povo brasileiro, na sua grande maioria?

- Em face dos graves problemas sociais, que são todos de fundo moral, que desfiguram e profanam a face do Povo, a Igreja não pode ficar muda, como gostariam de ver muitas pessoas de fora e de dentro. Sua fielidade a Jesus Cristo e a sua missão faz que ela se identifique com os irmãos pequenos e sofredores, assumindo como suas as causas do Povo marginalizado. (A. H.)

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM (31-07-1988)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa OUVI O CLAMOR DESTE POVO, — CF-88; CNBB.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

I 1. Olha, que eu vim lá de longe,
perdendo raízes, enchendo porões.
Olha, cruzei tantos mares, pisei
novas terras, sofrendo grilhões.

Mas, meu canto bonito nem dor nem corrente
jamais abafou. Pois, ser livre eu queria, meu
Deus é a força de quem confiou.

2. Olha, vendido em leilão, moído em engen-
hos, plantei meu suor. Olha, nos campos
roçados reguei com meu sangue meu sonho
maior.

3. Olha, eu venho sofrido com todo oprimi-
do cantar sem temor. Olha, que vem tempo
novo trazer para o povo um dia melhor.

4. Olha, rompendo correntes pra nós libe-
rada, enfim vai chegar. Olha, trazendo espe-
rança o Deus da Aliança nós vamos cantar.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito
Santo.

P. Amém!

S. Irmãos, a graça de nosso Senhor Jesus
Cristo, o amor do Pai e a comunhão do
Espírito Santo, estejam convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no
amor de Cristo!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. O homem velho, corrompido por paixões
enganadoras, impede de nos revestirmos com
o homem novo em Cristo Jesus. O homem
velho faz sentir saudades das cebolas do
Egito, dos tempos de ditadura militar, dos
tempos de tortura e morte, mas em que o
salário não era tão de fome e morte quanto
agora. Só o novo homem, liberto em Cristo,
compreende que o pão que dá vida vem
de Deus: pão da Palavra, pão da Eucaristia,
pão das conquistas na luta popular organi-
zada, pão da terra partilhada e da justiça
social.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, arrependidos por teimarmos em
ser homens velhos, mergulhados em paixões
enganadoras, peçamos perdão. (Pausa para re-
visão de vida).

Senhor, meu Deus, tem pena de nós! Senhor, ó Cristo, salva-nos! Senhor, meu Deus,
tem pena de nós! Salva-nos, Senhor, meu Deus!

1. Tu és, Senhor, o Criador: ó meu Deus!
Tu és o Cristo, nosso Irmão: ó meu Deus!
2. Tu és, Senhor, Libertador: ó meu Deus!
Tu és o Cristo, o Redentor: ó meu Deus!
S. Deus todo-poderoso perdoe os nossos pe-
cados, que arrependidos confessamos, e nos
conduza à vida eterna.

P. Amém!

S. Senhor, tende piedade de nós.
S. Cristo, tende piedade de nós.
S. Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

Glória, glória nas alturas. Paz e amor na
terra aos homens. Dêem-vos glória, criaturas.
Dêem-vos graças e louvores.

1. Nós vos louvamos, ó Cristo! Vos bendizemos
por vosso amor.

2. Nós vos louvamos, Senhor Jesus! Vos
aclamamos por vossa cruz.

3. Espírito Santo Consolador, vós que dais
vida e sois Senhor.

6 COLETA

S. Oremos: Manifestai, ó Deus, vossa imensa bondade para com os filhos que vos imploram. Nós nos alegramos profundamente de vos ter como Criador e Guia e também porque renovastes, para nós, toda a criação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

C. A luta pela libertação exigiu do
Povo de Deus sacrifício e dor.
Em meio ao caminho e próximos
da liberdade, querem desistir e
voltar à escravidão.

L. Leitura do Livro do Exodo (16,2-4.12-15): "Naqueles dias, toda a comunidade dos israelitas pôs-se a reclamar contra Moisés e Aarão, no deserto, e dizia-lhes: "Quem dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor no Egito, quando nos sentávamos junto às panelas de carne e comíamos pão com fartura! Vocês nos trouxeram a este deserto, só para fazer morrer de fome toda esta gente". Então o Senhor disse a Moisés: "Farei chover pão do céu para vocês. O povo sairá diariamente a fim de recolher o necessário para o dia. Assim os porei à prova para ver se andam, ou não, segundo a minha lei. Escutei as reclamações dos israelitas. Fale a eles, dizendo: 'Ao anotecer, vocês comerão carne e amanhã cedo ficarão saciados de pão. Assim saberão que eu sou o Senhor seu Deus.' Realmente, à tarde, veio um bando de cordonizes e cobriu o acampamento; e, pela manhã, formou-se uma camada de orvalho ao redor do acampamento. Quando a camada de orvalho evaporou, na superfície do deserto apareceram pequenos flocos, como cristais de gelo sobre a terra. Vendo isto, os israelitas perguntavam-se uns aos outros: "Que é isso?" Pois não sabiam o que era". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO (Sl 77)

C. Queremos viver e anunciar aos nossos filhos a fé que recebemos de nossos antepas-

sados. Nossa resposta é "sim" ao projeto de Deus:

"Ouvi deste povo oprimido o clamor / e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

Sl. 1. Tudo aquilo que ouvimos e aprendemos / e transmitiram para nós os nossos pais / não haveremos de ocultar a nossos filhos / mas à nova geração nós contaremos.
2. Ordenou, então, às nuvens lá dos céus / e as comportas das alturas fez abrir; / fez chover-lhes o maná e alimentou-os / e lhes deu para comer o pão do céu.

3. O homem se nutriu do pão dos anjos / e mandou-lhes alimento em abundância. / Conduziu-os para a Terra Prometida / para o Monte que seu braço conquistou.

9 SEGUNDA LEITURA

C. Os que foram chamados à santidade têm
que deixar de pensar como o mundo pensa,
para agir de acordo com o espírito de Cristo

L. Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo aos Efésios (4,17.20-24): "Irmãos: isto digo e invoco o testemunho do Senhor: não se comportem mais como os pagãos, que se deixam levar por seus pensamentos vazios. Não foi assim que vocês aprenderam a conhecer o Cristo. Se realmente dele ouviram falar e se nele foram instruídos, conforme a verdade que está em Jesus, deixem de lado a conduta passada; a do velho homem, corrompido por paixões enganadoras, e renovem sua maneira de ser e pensar. Revistam-se do novo homem, criado à imagem de Deus, em justiça e santidade verdadeira". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO

C. Salve, Cristo, Palavra da Vida, o
Evangelho que vens anunciar é
fermento, é luz, é semente que na
terra logo vai brotar. É fermento,
é semente, que na terra logo vai
brotar...

Sl. O homem não vive somente de pão, mas
de toda Palavra da boca de Deus!

11 EVANGELHO

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João
(6,24-35).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, vendo a multidão que Jesus não estava ali, nem os seus discípulos, subiram às barcas e foram procurar Jesus em Cafarnaum. Quando o encontraram no outro lado do mar, perguntaram: "Mestre, quando chegou aqui?" Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade, eu lhes digo: vocês estão me procurando, não porque viram os sinais, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pelo

alimento que perece; trabalhem pelo alimento que dura para a vida eterna, que o Filho do Homem dará a vocês, pois foi ele a quem Deus Pai marcou com seu selo". Então eles perguntaram: "Que devemos fazer para realizar as obras de Deus?" Jesus respondeu: A obra de Deus é que acreditem em quem ele enviou". Perguntaram de novo: "Que sinal realizas para que possamos ver e crer em ti? Que obras fazes? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: "Deus lhes de comer pão do céu". Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade, eu lhes digo: não foi Moisés quem lhes deu o pão que veio do céu. É meu Pai quem dá a vocês o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá a vida ao mundo". Então eles pediram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão!" Jesus disse: "Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome e quem crê em mim nunca mais terá sede". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra /
e em Jesus Cristo, seu único Filho,
nossa Senhora, / que foi concebido pelo poder
do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria /
padeceu sob Pôncio Pilatos /
foi crucificado, morto e sepultado /
desceu à mansão dos mortos /
ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus /
onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso /
onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. /
Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica /
na comunhão dos santos /
na remissão dos pecados /
na ressurreição da carne /
na vida eterna. Amém.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Queremos ir ao encontro do Senhor, para não mais termos fome nem sede. Nossa alimento será o Pão da Vida que é Jesus, e trabalhar para que o Reino venha:
L1. Que a Igreja não se deixe envelhecer, nem se apegue a tradições humanas. Que ela seja semente do homem novo, anunciadora da novidade do Evangelho:

P. Senhor, atendei-nos!

L2. Que nós tenhamos fome e sede de Cristo e nos saciemos sempre de sua Palavra e da Eucaristia:

L3. Que nossa fome e sede de justiça nos façam solidários aos irmãos, e nosso testemunho os anime a participar na família dos filhos de Deus:

L4. Que Jesus, Pão da Vida, seja força e alimento na vida de nossos irmãos negros e de todo o povo sofrido, que esperam liberdade e salvação:

(Outras intenções da comunidade...).

S. Ouvi, Senhor, a oração de vossos filhos. Que sejamos sinais do vosso amor, conduzindo vossos povos pelos caminhos de vossa Palavra libertadora. Por Cristo nosso Senhor.
P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

-  Trazemos no vinho e no pão a história do povo sofrido, do negro e de todo oprimido, lutando por liberdade.
1. Ouvi o clamor deste povo, sofrendo sem ter liberdade, que insiste em criar mundo novo, fundado na fraternidade.
 2. Ouvi deste povo o clamor, da negra mulher explorada, buscando justiça e amor, em terra de paz tão sonhada!
 3. Ouvi o clamor deste povo, na oferta do vinho e do pão! Mandai-nos o Espírito novo do amor, que liberta o irmão!

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

-  S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.
P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.
S. Dignai-vos, ó Deus, santificar estas oferendas. Aceitando este sacrifício, fazei de nós uma oferenda eterna para vós. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

- (Prefácio próprio. No fim):
1. Santo, Santo, Santo! Senhor Deus do universo. O céu e a terra proclamam a vossa glória!
Hosana, Hosana, Hosana, Hosana! Hosana nas alturas! (Glória a Deus, glória a Deus, nas alturas!)
2. Bendito o que vem em nome do Senhor!
(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):
S. Eis o mistério da fé.
P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte, / enquanto esperamos a vossa vinda.

18 CANTO DA COMUNHÃO

 A CAMINHO DO ALTAR, O SENHOR, VAI TEU POVO EM CONFIANTE ORAÇÃO. POIS TU OUVES DO POBRE O CLAMOR POR JUSTIÇA E POR LIBERDADE.

Vem, Senhor, com teu vinho e teu pão, dar ao povo união e vigor, para o negro libertar-se da opressão e vivermos a justiça e o amor.

1. Quanto ídolo, quanta mentira que nos fazem viver na opressão! Da presença de Deus nos retiram, nos afastam do amor ao irmão.
2. Transfigura, ó Senhor, nossa vida e nos fazê viver como irmãos: não teremos mais gente oprimida, nunca mais haverá escravidão!
3. Este templo de pedra onde estamos, ao qual damos tão grande valor, é bem menos que o irmão que deixamos, por racismo, sem nosso amor.
4. Cristo traz para o mundo sua luz, torna a fé julgamento perfeito; não partilha do amor de Jesus quem se fecha em qualquer preconceito.

5. Todo grão que na terra plantamos, se morrer muitos frutos dará. Todo amor que no mundo espalhamos, faz viver, promover, libertar.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

-  S. Oremos: Acompanhai, ó Deus, com proteção constante, os que renovastes com o Pão da Vida. Como não cessais de alimentá-los, tornai-os dignos da salvação eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Transformados pela ação libertadora da liturgia que celebramos, voltaremos para casa como novos homens. Já não podemos nos deixar escravizar pelas paixões do consumismo, do ter, do prazer, do poder. Homens novos que, em meio ao deserto de fome, injustiças, violência que se tornou o nosso país, já não iremos querer continuar assim. Em nome do Deus da Vida, participaremos mais nas decisões e iremos transformando os homens e a sociedade, pelo amor que vivemos em comunidade.

21 BÊNÇÃO FINAL

- S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Irmãos, o Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo, vos abençoe e vos guarde.
P. Amém!
S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe na partilha do que dele recebemos.
P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Povo que és peregrino, buscas a liberdade! Ergue teus olhos ao alto, ao teu Senhor, teu perdão.
2. A terra que te prometo terá leite, terá mel. Lembra-te dela, meu povo, quando a injustiça for te!
3. Atravessando o deserto, faz da tua sede esperança. Supera todo cansaço, olha a Terra Prometida.
4. Se a noite for prolongada e não houver mais luar. Pensa que são como estrelas teus passos, teu caminhar.
5. Povo que tens como herança Cristo que ressuscitou. Rompe os caminhos do medo, novo sol já despontou!

LEITURAS PARA A SEMANA:

- 2º-feira: Jr 28,1-17; Mt 14,13-21 ou Rm 8,1-4; Mt 5,13-19 (S: Afonso Maria de Liguori). / 3º-feira: Jr 30,1-2.12-15.18-22; Mt 14,22-36. / 4º-feira: Jr 31,1-7; Mt 15,21-28. / 5º-feira: Jr 31,31-34; Mt 16,13-23 ou Ez 3,16-21; Mt 9,35-10,1 (S. João Maria Vianney — Dia do Padre). / 6º-feira: Na 2,1-3; 3,1-3.6-7; Mt 16,24-28. / Sábado: Dn 7,9-10.13-14; 2Pd 1,16-19; Mc 9,2-10 (Transfiguração do Senhor). / Domingo: 1Rs 19,4-8; Ef 4,30-5,2; Jo 6,41-50.

FÉ SERVIA PARA DILATAR O IMPÉRIO

Valéria Rezende

Os índios ainda não conheciam o Evangelho de Jesus, mas os portugueses, ao contrário, eram todos cristãos. Para compreender bem o que se passou aqui no Brasil, precisamos saber qual era o modo de os portugueses entenderem o cristianismo e a situação da Igreja em Portugal, naquele tempo. Sabemos que, nos seus primeiros tempos, a Igreja de Jesus Cristo foi uma Igreja de pobres e des-
tituídos, como a gente lê nos Atos dos Apóstolos. Assim, nos primeiros séculos da vida cristã, só se tornava cristão mesmo aquele que tinha fé na palavra de Jesus e estava pronto a sofrer perseguição por causa da fé, a mudar de vida para seguir o Evangelho de Jesus.

Ser cristão não trazia vantagens, riqueza nem poder para ninguém, naqueles primeiros tempos. Foi assim, até que os poderosos, principalmente o imperador de Roma, Constantino, começaram a aceitar o cristianismo e a fazer dele a religião oficial e obrigatória em seus reinos. Daí em diante, os reis começaram a dar privilégios e vantagens para a Igreja e os cristãos, de tal modo que todo

mundo era obrigado a ser cristão para poder viver bem na sociedade. Isso aconteceu sobretudo na Europa.

Assim, a Igreja de Jesus deixou de ser uma Igreja de pobres e passou a ser uma Igreja dominada pelos poderosos e à qual todo o povo era obrigado a pertencer. Como os poderosos não estavam dispostos a deixar sua riqueza e seu poder, o jeito que encontraram para ser cristãos foi mudando ou esquecendo o verdadeiro sentido do Evangelho. Isso tinha acontecido também em Portugal, já havia muitos séculos, quando os portugueses chegaram no Brasil.

Em Portugal, o povo todo, assim como o rei e os poderosos, eram batizados e pertenciam à Igreja católica, e não podiam nem pensar em ser outra coisa. Assim, achavam que Portugal era um país cristão, que suas leis, seus costumes, sua maneira de viver eram o cristianismo. Não faziam distinção entre os verdadeiros ensinamentos do Evangelho, que são dirigidos para todos os homens igualmente, e aquilo que eram os costumes do povo português, a maneira por-

tuguesa de entender as coisas, os interesses dos portugueses.

Para os portugueses, ser cristão era ser como eles em tudo. Todo costume, toda maneira de ser de outro povo que não fossem como os deles, eram vistos como coisa do demônio, que era preciso destruir. Por causa disso, achavam que era missão do povo português ir conquistar os outros povos que não eram cristãos, para salvá-los. Achavam que Deus tinha escolhido Portugal para converter o mundo todo à fé cristã. O próprio papa fez um trato com o rei de Portugal, encarregando-o de ir descobrir novas terras e outros povos, para convertê-los ao cristianismo.

No entender dos povos católicos da Europa, já que o mundo pertencia a Deus Criador e que o papa era seu representante, o papa tinha o direito de entregar aos reis católicos qualquer terra que não fosse de cristãos, para ser convertida. Por isso, os reis tinham o direito de conquistar, dominar e tornar-se dono dessas terras. Os povos não cristãos, chamados infiéis, não tinham direito sobre suas terras e deviam sujeitar-se ao domínio dos cristãos.

EM TORNO DA LITURGIA

O LAVA-PÉS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

É o memorial do grande mandamento realizado na Quinta-feira Santa. Nos primeiros séculos era celebrado nos mosteiros pelo Abade, nas Catedrais pelo Bispo e nas cortes pelos príncipes. Houve Santos Padres que atribuíram caráter sacramental a este rito. Atualmente ele é realizado na Missa da Ceia do Senhor, na Quinta-feira Santa, após a Liturgia da Palavra. Não tem caráter obrigatório. Se razões pastorais o aconselharem, será realizado. Há regiões onde se realiza o rito do lava-pés em assembleia especial; às vezes até ao ar livre. Constitui, sem dúvida, um rito de grande plasticidade. Pode ser grandemente valorizado na linha da iniciação à prática do grande mandamento no interior da comunidade paroquial. Alguns elementos podem ajudar para que o rito incida realmente na vida da comunidade. Seja celebrado em hora conveniente, de modo que a comunidade paroquial possa de fato estar presente. Pode-se realizar o rito com alguma lembrança aos "apóstolos" como, por exemplo, um pãozinho. As toalhas para enxugar os pés poderão ostentar símbolos de vivência cristã. Bom seria que após o rito toda a comunidade realizasse um gesto de generosidade em favor da comunidade. Seria

o caso de se fazer uma coleta com fim bem determinado.

4. O "asperges" e a água benta

O rito da aspersão com água benta no início da Missa dominical não foi abolido. Pelo contrário, constitui ótima modalidade de rito penitencial. Vejamos o que diz o novo Missal em apêndice: "Rito para bênção e aspersão da água. O rito da bênção e aspersão da água pode ser realizado em qualquer igreja ou oratório, em todas as Missas dominicais, mesmo quando antecipadas no sábado à tarde. Este rito substitui o ato penitencial no início da Missa. Depois da saudação, o sacerdote, de pé junto à cadeira, voltado para o povo, tendo diante de si a vasilha com água que vai ser abençoada, convida o povo a rezar". Segue a bênção da água com dois formulários comuns à escolha e um para o tempo pascal. Onde a situação do lugar ou tradição popular aconselharem manter o costume de misturar o sal à água, o sacerdote benze o sal e em seguida o põe na água. Tomando o aspersório, o sacerdote asperge a si mesmo e os ministros, em seguida o clero e o povo. Aliança batismal que se renova. Em cada Eucaristia o povo cristão revive o morrer e

ressuscitar com Cristo no Batismo. Também aqui temos os dois aspectos da ablúcio: a purificação e a consagração ou vida nova. O povo nascido das águas do Batismo rende graças ao Senhor e é alimentado para prosseguir sua caminhada. O rito da bênção e aspersão da água realizada em assembleia eucarística poderá ajudar decisivamente numa pastoral dos sacramentais. A partir do que dissemos, o uso da água benta não será um ato mágico, a aspersão com água benta, melhor, persignar-se com água benta à entrada das igrejas não será mero formalismo, mas um ato de fé na redenção adquirida por Cristo e a nós participada pelo Batismo. Será também este o conteúdo que encontraremos no rito de aspersão do quarto de um enfermo quando lhe é levada a Comunhão ou se realiza a celebração da Unção: "Que esta água nos lembre o nosso batismo e o Cristo que nos salvou por sua Morte e Ressurreição". Os fiéis perceberão também melhor o sentido da água benta que levam para suas casas.

(Do livro *Símbolos Litúrgicos*, Ed. Vozes, Petrópolis, 4ª edição 1985, 13-14).

Carlos Mesters

Nem tudo o que se faz em nome da liberdade conduz àquela liberdade que Deus quer para o seu povo. Por outro lado, nem sempre o esforço de libertação se faz de maneira pacífica, sem violência. Com efeito, a primeira reação, provocada pela atuação de Moisés, foi um endurecimento da opressão por parte do faraó e uma revolta do povo hebreu contra Moisés, o libertador, por ele ter despertado o ódio do faraó e por ter colocado a espada na mão dos egípcios para matar os hebreus (Ex 5,19-21). Em vez de liberdade, veio uma opressão maior. Moisés se queixa (Ex 5,22-6,1), o faraó se fecha mais ainda e resiste ao apelo que lhe foi feito (Ex 7,13-22; 8,15-19; 9,7-12,35; 10,20-27).

Moisés tinha de vencer o medo e a apatia do povo. Teria de convencer o povo de que o endurecimento do faraó já era Deus agindo, preparando a libertação (Ex 7,3-5; 9,35; 10,20-27).

LIBERTAÇÃO, TAREFA IMPOSTA POR DEUS

Moisés foi educado na corte do faraó (Ex 2,5-10). Era costume, naquele tempo, formar rapazes dos países ocupados, nas escolas do Egito, a fim de que, mais tarde, servissem aos interesses do Egito. Moisés, porém, não seguiu a carreira, porque o sangue foi mais forte que a carneira. Revoltou-se contra a situação aviltante em que se encontrava seu povo, e matou um soldado (Ex 2,11-12). O fato, provavelmente, se relaciona com uma tentativa fracassada para conquistar a liberdade. Teve que fugir (Ex 2,14-22). No exílio, Deus o atinge de novo e o manda voltar para libertar seu povo (Ex 2,18-24).

Após muita resistência, Moisés obedeceu e assumiu a missão. A liberdade pela qual ele vai lutar agora já não se define pelo seu aspecto puramente negativo — ficar livre da opressão política do faraó — mas recebe um conteúdo positivo. Quem só luta para ficar livre de alguma coisa só sabe o que não quer e caminha de costas para o futuro; não

tem critério para orientar sua ação para a frente. A liberdade que agora aparece no horizonte de Moisés faz parte de um projeto que Deus tem em vista: Deus quer libertar o povo do Egito, para dele fazer o "seu povo" e para poder ser o "Deus do povo" (Ex 6,6-8).

O povo deve ser *livre para* poder constituir-se povo de Deus; sabe o que não quer, porque sabe o que quer na vida; tem critério para orientar sua vida para a frente. Este objetivo é que vai orientar a ação de Moisés e do povo, através de toda a sua história, e vai dar sentido e conteúdo à liberdade que almejam. Aquilo que não contribui para este fim não contribui para a liberdade. Percebe-se assim que a entrada de Deus na vida dos homens é uma luz que orienta e corrige, ao mesmo tempo. A primeira correção ou conversão se deu na cabeça de Moisés: de matador torna-se conscientizador.